

A Festa Nunca Acaba

Jean Pierre e Mana Rosa
Ilustrações de Emilia Simon

IPHAN

A Festa Nunca Acaba

Jean Pierre e Mana Marques Rosa
Ilustrações de Emilia Simon

Goiânia, Iphan, 2023

Presidente da República

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Ministra da Cultura

MARGARETH MENEZES

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LEANDRO ANTONIO GRASS PEIXOTO

Diretoria do Iphan

ANDREY ROSENTHAL SCHLEE

DESIRÉE RAMOS TOZI

DEYVESSON ISRAEL ALVES GUSMÃO

MARIA SILVIA ROSSI

Superintendente do Iphan em Goiás

RENATA LIMA BARROS

EQUIPE TÉCNICA:

JEAN PIERRE PIEROTE SILVA

Autor

Coordenador Geral

MARCELO IURY DE OLIVEIRA

Coordenação de Campo

MANA MARQUES ROSA

Autora

Pesquisadora

EMILIA SIMON

Ilustradora

Designer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, Iphan

P622f

Pierre, Jean.

A festa nunca acaba / Jean Pierre, Mana Marques Rosa ; Ilustrações de: Emilia Simon. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Goiânia : Iphan, 2023.

44 p. ; il. color.

Modo de acesso: www.gov.br/iphan/pt-br
ISBN: 978-85-7334-388-5

1. Festa do divino. 2. Festas religiosas. 3. Celebrações. I. Rosa, Mana Marques. II. Simon, Emilia.

CDD 394.2

Elaborado por Odilé Viana de Souza – CRB-1/2120

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br
iphan-go@iphan.gov.br

Sumário

Capítulo I - *A Chegada* 3

Capítulo II - *A Cidade* 9

Capítulo III- *A Folia* 15

Capítulo IV- *As Pastorinhas* 23

Capítulo V- *O Domingo do Divino* 28

Caderno de atividades 39

Referências 43

Capítulo I - *A Chegada*



Pirenópolis é uma cidade histórica de Goiás situada a 129 km de Goiânia e a 150 km de Brasília, reconhecida pela preservação e riqueza de seu patrimônio cultural, material e imaterial. Fundada em 1727 teve seu "conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico" tombado pelo IPHAN em 1990. Já a Festa do Divino Espírito Santo, tema deste livro, foi inscrita como patrimônio imaterial pelo mesmo instituto em 2010, no Livro das Celebrações. Há indícios de que esta festa acontece pelo menos desde 1819, data de seu primeiro registro disponível na cidade.

Estava ali com o celular na mão, lendo os comentários do último vídeo que postei ensaiando as Pastorinhas, quando me surpreendi com uma mensagem de uma garota de São Paulo elogiando minha voz e atuação. Era Laura, prima que nunca havia conhecido pessoalmente. Quando meu pai faleceu eu tinha apenas três anos de idade, o que acabou me distanciando dessa parte da família que mora longe. Laura também me contou que estava vindo para cá com a sua mãe, tia Rosária. Parecia bastante entusiasmada em finalmente me conhecer e também conhecer a cidade de Pirenópolis de que tanto eu falo em nossas conversas. Respondi a mensagem perguntando quando elas viriam e fiquei pasma! Já estavam com as passagens em mãos e chegariam aqui, em Pirenópolis, nas vésperas da Festa do Divino.



Tia Rosária também não conhecia nada da cidade, ela pediu para que Laura entrasse em contato comigo justamente para saber onde poderiam se hospedar. A ideia inicial das duas era a de fazer uma grande surpresa, elas iriam assistir minha atuação nas Pastorinhas no Theatro de Pyrenopolis e só depois falariam comigo. Mas como todas as pousadas estavam lotadas, não teve jeito, tiveram de pedir ajuda para conseguir hospedagem.

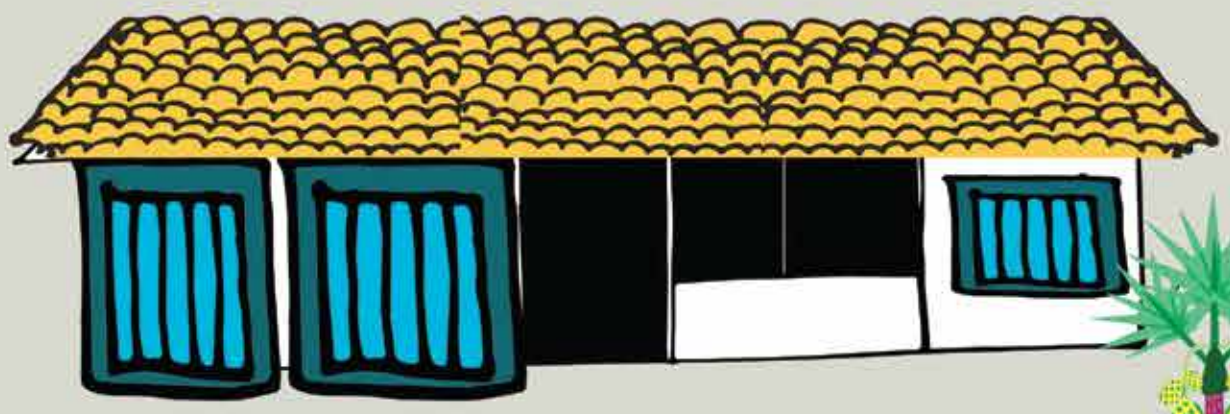
O Theatro de Pyrenopolis foi construído em 1899 no Largo da Matriz por iniciativa de Sebastião Pompeu de Pina. A edificação integra o Conjunto Arquitetônico, Urbanístico, Paisagístico e Histórico de Pirenópolis, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1990.

Sua relevância histórica e arquitetônica se deve a características híbridas de construção em estilo colonial e neoclássico com estrutura de madeira aparente e paredes de adobe. Sua relevância se deve também ao fato de que esse local foi um dos primeiros a abrigar uma intensa vida cultural na cidade. No teatro são tradicionalmente apresentadas encenações de dramas e operetas, além do auto As Pastorinhas.



Minha mãe havia acabado de chegar da escola, ela é professora aqui em Pirenópolis. Faltavam poucas semanas para a Festa do Divino e ela chegou em casa dizendo que a cidade só respirava a atmosfera da festa. Nas ruas as pessoas não falavam de outra coisa, somente sobre quem já veio, ou quem ainda viria para Pirenópolis. A Festa do Divino também é esse momento onde a gente encontra familiares e amigos que só aparecem nessa época do ano. Mas esse não era o caso da Laura e da tia Rosária, pois foi a primeira vez delas na cidade. Expliquei para minha mãe o que estava acontecendo, ela pegou o celular da minha mão e ao ver a foto da Laura começou a chorar, Laura se parecia muito com meu pai. Imediatamente minha mãe fez uma vídeo-chamada para a Laura e lá estavam as duas, ela e a tia Rosária, visivelmente emocionadas com a proximidade desse encontro.







- Mãe, e quando a tia Rosária e a Laura chegarem, o que eu vou dizer para elas? Onde levá-las? Como eu vou explicar pra Laura como funciona a festa? Tem muita coisa que eu não sei e muitos lugares que ainda não conheço.

- Calma, minha filha, eu vou te explicar tudo. Aquilo que eu não souber você pode perguntar para sua avó Maria, ela conhece a festa muito bem.

Depois que conversamos, minha mãe ofereceu meu quarto para elas, perguntou se Laura não se incomodava em dormir em um colchão no chão, já que o quarto de visitas e as outras camas estavam reservados para meus avós que moram em uma fazenda na região de Mateus Machado. Elas aceitaram o nosso convite! Nessa altura eu já estava super ansiosa para conhecê-las e apresentar a minha cidade para Laura. Mas falando na fazenda dos meus avós, minha mãe aproveitou o momento da conversa e as convidou para participarem de uma das folias que faria o pouso justamente lá na região de Mateus Machado. E claro, elas aceitaram!

Em Pirenópolis, as folias marcam o início das celebrações do Divino, entre abril e maio, quando são percorridas longas distâncias a cavalo até fazendas (Folia da Roça), e a pé pelos bairros periféricos do município (Folia da Rua ou da Cidade), levando as bandeiras do Divino e recolhendo donativos para a realização da grande festa.

Além das tradicionais Folia da Roça (realizada há mais de 140 anos) e Folia da Rua (há cerca de 50 anos), ocorre em Pirenópolis a Folia da Renovação Cristã (também conhecida como Folia do Padre), uma iniciativa mais recente da Igreja local que também percorre a zona rural do município.

Os "giros", como são conhecidos os trajetos das folias, são marcados por cantos, rezas, toadas e batidas típicas, anunciando a chegada do Divino e distribuindo bênçãos.



Você já foi a uma folia?

As folias são atividades rituais que se expressam como manifestações coletivas compostas de elementos dramáticos, musicais e coreográficos. Em geral, possuem inspiração religiosa de base católica que arrecada donativos para realização de festas. Pode ser realizada por gosto, devoção ou pagamento de promessas.

Fonte:

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Tesauro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000735.htm. Acesso em 04 nov. 2022.

Capítulo II - *A Cidade*

Uma semana se passou desde que recebi a mensagem de Laura, eu estava contando os dias para a sua chegada e finalmente este dia chegou! Fui para a escola pensando no que faríamos durante a tarde, tinha tanta coisa que queria mostrar para ela que nem sabia por onde começar. Cheguei em casa depois da aula e lá estavam a tia Rosária e a Laura sentadas na mesa da cozinha conversando com minha mãe, tomando café e comendo biscoito de queijo. Fui tomada por um sentimento de alegria muito grande, tinha certeza de que esse encontro seria o começo de uma bonita amizade. Corri em direção à Laura já com os braços abertos para um abraço, vi em seus olhos esse mesmo sentimento de alegria se refletindo. Tia Rosária e minha mãe pareciam comovidas, pois essa proximidade com Laura e com tia Rosária também significava, de alguma forma, um reencontro com nossos antepassados.







Casarões, ruas e igrejas de arquitetura colonial compõem o conjunto urbano tombado de Pirenópolis. Dentre as principais edificações constam: a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo/Museu de Arte Sacra do Carmo, a Igreja Nosso Senhor do Bonfim, a Casa de Câmara e Cadeia/Museu das Artes do Divino, o Theatro de Pyrenopolis e o Cine Pireneus. São ainda tombados pelo IPHAN a Ponte Sobre o Rio das Almas e a Fazenda da Babilônia.

Minha mãe caprichou no almoço, uma deliciosa galinhada com pequi foi servida. Sem falar nas sobremesas: doce de cajuzinho, banana, figo e goiabada, todos feitos de frutas de nossos quintais. Meus preferidos! Após o almoço, a tia Rosária continuou conversando com minha mãe lá na cozinha, papo de gente grande. Chamei Laura para um passeio pelo centro histórico da cidade , saímos de casa e assim que começamos a nossa caminhada, Laura comentou que estava completamente encantada com a beleza de Pirenópolis. Ela olhava com admiração e curiosidade para os casarões do Largo da Matriz e para a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. Estava muito impressionada, pois nunca havia visitado uma cidade colonial com tanta beleza arquitetônica e histórica.

Na história da formação das cidades coloniais brasileiras a construção de Igrejas contendo grandes espaços abertos é considerada um dos fatores de criação de grandes largos e praças nos núcleos históricos. As áreas livres deixadas na frente e no entorno das edificações, geralmente, constituem o ponto central a partir do qual a malha urbana se expande.

Em Pirenópolis, o traçado urbano se desenvolveu no entorno de sua principal edificação, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. Construída entre 1728 e 1732, a igreja é considerada o maior e mais antigo patrimônio histórico do estado de Goiás, tombado pelo IPHAN em 1941.

Abrangendo antigos casarios, ruas, praças, monumentos e edificações, como o Theatro de Pyrenopolis e o Cine Pireneus, o Largo da Matriz forma um importante e significativo conjunto arquitetônico para a história da formação da cidade, onde também tradicionalmente ocorrem encontros, festas, folguedos, tocadas e cerimônias, incluindo as Cavalhadas que até metade do século XX foram encenadas no largo.



O primeiro comentário de Laura foi o seguinte: “parece que estamos em um cenário de filme de época, tudo lá em São Paulo é muito diferente”. Laura logo percebeu que não estava em um cenário de filme antigo, mas que a cidade estava viva e a todo vapor, havia muito movimento nas ruas, onde a maioria dos moradores se ocupava dos preparativos para a Festa do Divino.





No caminho, visitamos algumas conhecidas artesãs da cidade. Dona Sebastiana confeccionava em segredo algumas máscaras que ninguém podia ver. Já tia Josefa tecia lindos bordados nas roupas que seriam usadas por cavaleiros durante a encenação das Cavalhadas. Também conhecemos a produção de bandeirolas, flores de papel e verônicas. Tudo muito bem preparado.





Andando pelas ruas começamos a imaginar quantas histórias aquelas pedras testemunharam, há quanto tempo elas estavam ali? Quantas gerações cresceram pisando nesse chão de tantos anos?

Seguimos o nosso passeio até que Laura ficou paralisada no meio da rua. A sua expressão era de grande espanto, estava com o olhar fixado para a janela da casa de Seu Manuel, imperador da Festa do Divino daquele ano. Pela janela, dava para ver o lindo altar montado em homenagem ao Divino, tecidos vistosos e rendas brancas criavam uma atmosfera de grande nobreza para aquele ambiente. A reluzente coroa estava sobre uma pequena almofada no centro do altar. Laura parecia não entender nada do que estava acontecendo, principalmente ao ver pessoas rezando no interior da casa do Seu Manuel em devoção ao Divino Espírito Santo.

Expliquei para ela que a cada ano um Imperador é sorteado para conduzir a Festa do Divino, sendo esse imperador o responsável pela preparação, realização e custeio dos festejos. Cabe ao Imperador providenciar a alimentação dos músicos que participam das alvoradas, a pólvora para os tiros de toco e os fogos para a cerimônia "do queima". Em sua casa ocorrem belas cerimônias e são servidos em abundância apetitosas quitandas, salgados e verônicas. É como se a casa dele fosse a nossa casa nesses dias intensos de festa, sabe... É ele também que apoia os espetáculos teatrais que acontecem na cidade durante a Festa do Divino, além da Banda Phoenix e o Coral de Nossa Senhora do Rosário.

O Império do Divino é uma das três grandes fases estruturais da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, composta pela tríade folias - império - cavalhadas, reunindo distintos elementos rituais e formas de devoção ao Divino. As comemorações, que ocorrem de forma simultânea e intermitente, iniciam-se no Domingo de Páscoa, têm seu ápice no Domingo de Pentecostes ou Domingo do Divino e se encerram em Corpus Christi. Os símbolos mais sagrados do Império do Divino são a pomba, as bandeiras e a coroa, que permanece exposta durante o ano todo na casa do Imperador.



Segurei na mão de Laura e entramos na casa do Seu Manuel. Fizemos uma rápida oração para o Divino ao passar pela sala e fomos até a cozinha, de onde vinha um cheiro delicioso de bolo assando e café coado, como era de se esperar. A cozinha da casa do Imperador jamais descansa, sabia que ali estavam sendo preparados bolos, biscoitos e salgados os mais diversos.

Lá estava a esposa do Seu Manuel, Dona Vanda, com outras pessoas preparando broas, roscas, empadinhas, doces e o famoso pão-pereira. Fiz as devidas apresentações e Laura explicou que era sua primeira vez na cidade, que também veio para conhecer a Festa do Divino. Ao nos oferecer café e deliciosas comidas típicas, Dona Vanda disse para Laura que ela iria amar Pirenópolis e a festa, pois todos que vão à Festa do Divino recebem muitas bênçãos.

Agradecemos a hospitalidade, nos despedimos e rapidamente seguimos com o nosso passeio. Já estava ficando tarde e não pudemos demorar mais, pois naquele dia ainda fomos para a fazenda da minha avó, na Região de Mateus Machado, onde aconteceu o último pouso da Folia da Roça antes da Festa do Divino.



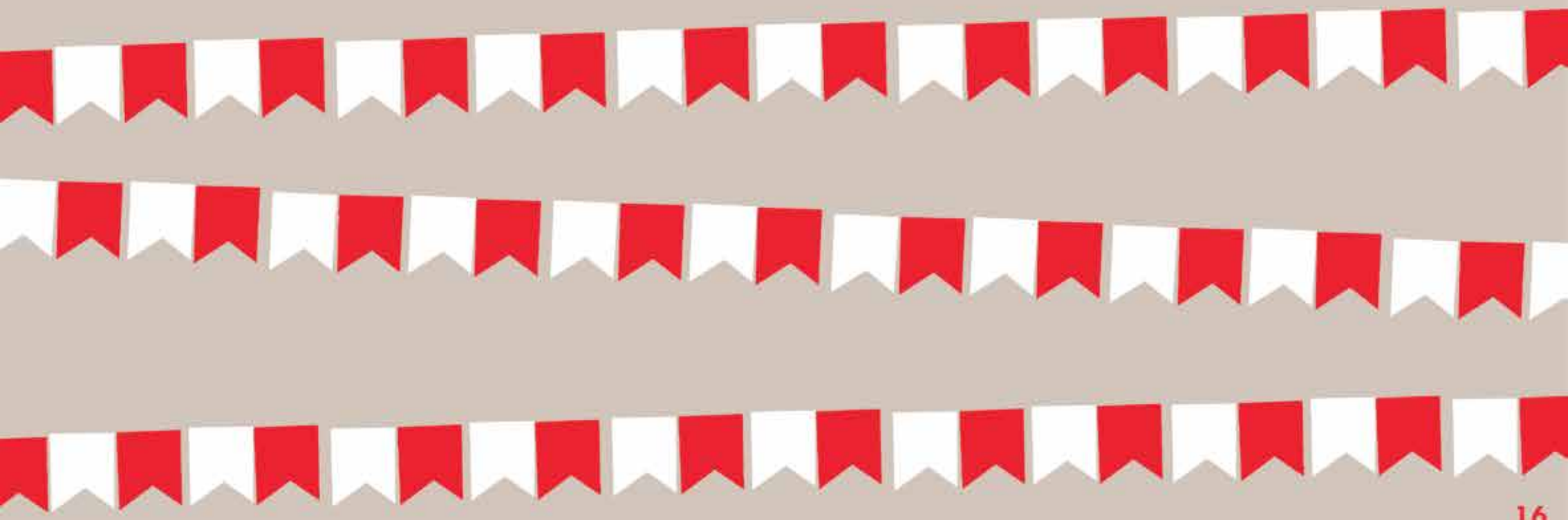
Chegamos em casa e a tia Rosária e minha mãe já estavam prontas. Tomamos um rápido banho, entramos no carro e partimos para a fazenda. Tive certeza que Laura iria gostar muito dessa noite de festa, também queria muito apresentá-la para minha avó Maria, para meu primo Gabriel e todo o restante da minha família que mora nos povoados rurais.



Capítulo III - *A Folia*



Uma estreita estrada de chão de aproximadamente doze quilômetros separa a cidade de Pirenópolis da Região de Mateus Machado, onde fica a fazenda da minha avó. Mesmo assim, demoramos quase uma hora para chegar, já que a estrada estava um tanto congestionada com o fluxo de carros que se deslocava para as folias. Faltando poucos metros para chegarmos era possível avistar o grande arco de bambu enfeitado com fitas e flores de papel brancas e vermelhas.





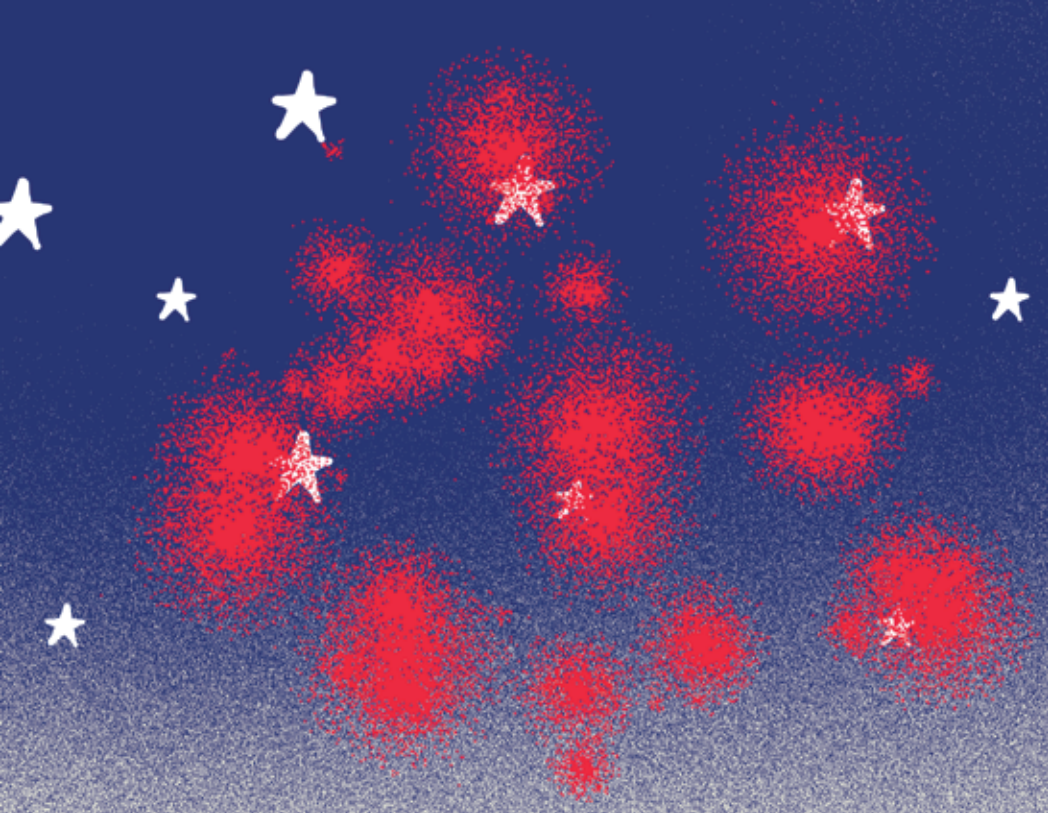
Descemos do carro e corri depressa com Laura para a cozinha. Lá, o pessoal preparava o jantar em panelas e tachos enormes. A fartura e a partilha de refeições são características marcantes das folias e da Festa do Divino. Os donos das fazendas, além de oferecerem o pouso também providenciam comida e bebida para os foliões. No jantar da folia foram servidos arroz, feijão, mandioca com costela, farofa, macarrão e salada de tomate com repolho. O cheiro estava delicioso!

Lá no meio do quintal estava Dona Maria, minha avó, que conduzia um monte de gente ali envolvida na organização da festa. Fomos até lá e dei um forte abraço nela, que ficou muito contente com nossa presença. Em seguida, apresentei minha prima Laura, as duas também se abraçaram e logo vi que surgiu uma alegria compartilhada por estarem se conhecendo. Minha avó falou para ficarmos à vontade, mas que precisaria sair para cuidar dos preparativos para que tudo saísse bem durante aquela noite.

Aproveitei o momento para mostrar o restante da fazenda para Laura e enquanto caminhávamos em direção ao altar montado na sala principal, esbarramos com meu primo Gabriel. Ele tem doze anos, mora na Fazenda e estudamos no mesmo colégio.

Além de ser meu primo, ele também é um dos meus melhores amigos. Temos muita coisa em comum, ele também é apaixonado por música e sabe tocar viola caipira muito bem. Agora a minha alegria estava completa, estava com meus primos mais queridos em uma noite de folia na fazenda da minha avó. Fiz as devidas apresentações entre Gabriel e Laura e vi que logo houve uma simpatia entre os dois. Então, Gabriel comentou com Laura que eu não parava de falar sobre ela nesses últimos dias. Parecia que ele estava com ciúmes da minha amizade com Laura, mas eu sabia que isso não iria durar e que já já eles também se tornariam grandes amigos.

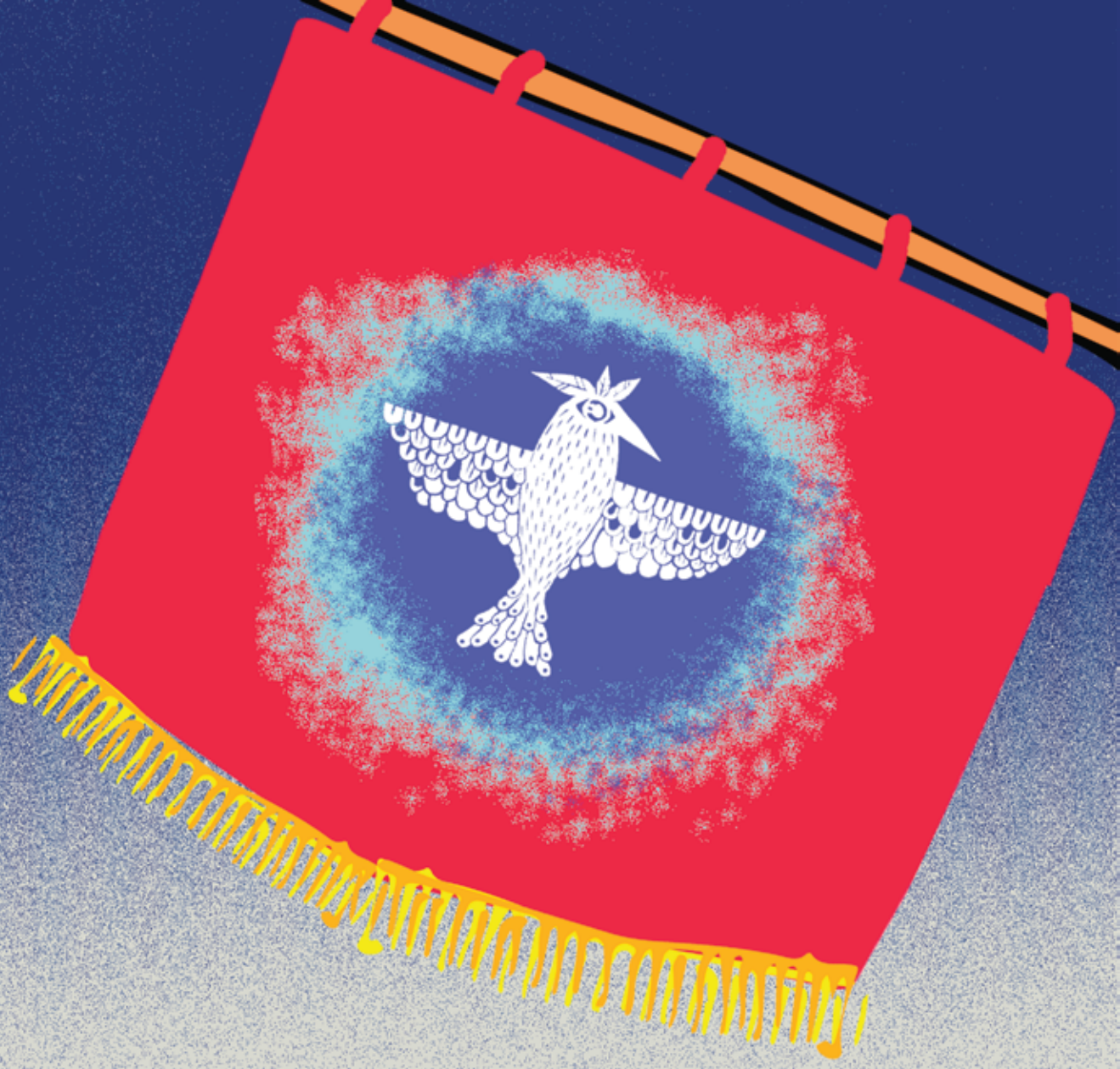




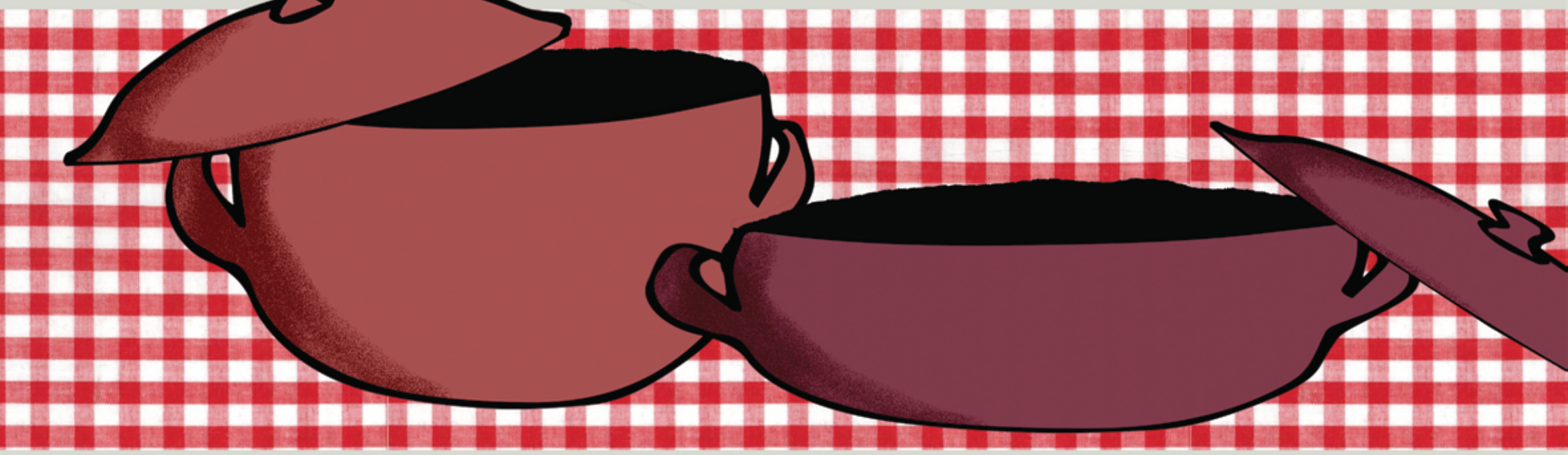
Na hierarquia das folias os alferes são aqueles que lideram a organização dos giros e combinam os pousos. São também responsáveis por carregar as bandeiras e entregar os donativos recolhidos para o imperador. Os embaixadores são os mestres litúrgicos – músicos - que, por meio de versos e cantorias, indicam as etapas rituais que devem ser cumpridas por todos os foliões. Os regentes, por seu turno, são responsáveis por garantir ordem e disciplina na montagem e desmontagem dos acampamentos, além do cuidado com pertences, utensílios e animais. Com semelhante atribuição os tropeiros cuidam dos cavalos durante a estadia nos pousos das fazendas. Aos procuradores é incumbida a tarefa de recolher as esmolas durante o peditório realizado pelos embaixadores. Enquanto os músicos tocam, os procuradores permanecem em pé ao lado das bandeiras segurando saquinhos de pano vermelho onde são depositados os donativos. Por último, os salveiros, são responsáveis pelos fogos e roqueiras (tiros de toco), que anunciam a chegada e a saída dos pousos, o encerramento dos giros das folias.

Escutamos os foliões se aproximando e corremos para a entrada da fazenda. Lá longe conseguimos avistar duas bandeiras vermelhas e os foliões que chegavam aos montes, alguns a cavalo, pela estrada de chão. A folia estava chegando! A bandeira do Divino é muito linda, é vermelha com a pintura de uma pomba branca voando ao centro, de onde sai um resplendor de raios dourados cercados por nuvens brancas. Fui ao encontro das pessoas que estavam na fazenda e vi minha avó e meu avô, os donos do pouso, saindo em direção ao pátio para receber os foliões - alferes, embaixadores, regentes, procuradores e salveiros que se aproximaram entoando os versos de chegada.

O DIVINO VEM CHEGANDO, COM SEU BELO RESPLENDOR. VAI DIZENDO VIVA, VIVA, VIVA O NOBRE MORADOR!



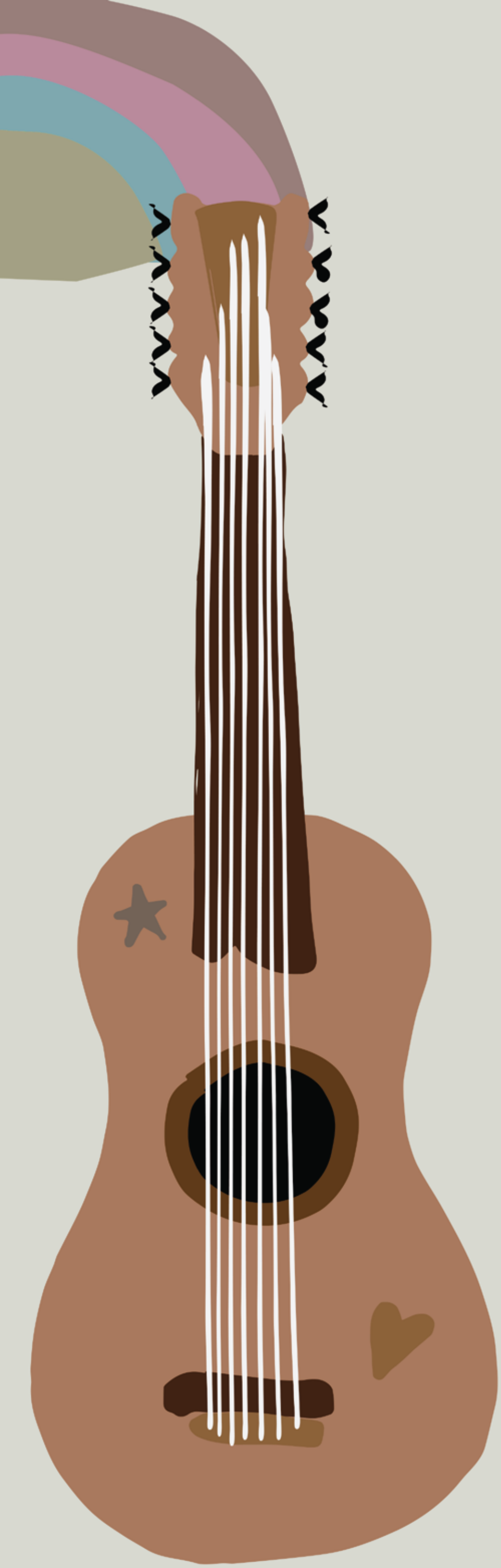
Na chegada ao pouso, os embaixadores entoaram versos rimados, orações, benditos e louvores que marcam o início da folia. Depois disso, minha avó recebeu das mãos do alferes as bandeiras que foram depositadas no lindo altar preparado na sala, enfeitado com imagens e estampas do Espírito Santo, santinhos, fotografias, velas, flores naturais e de papel, ajeitados sobre toalhas vermelhas, fitas de cetim e rendas. Tudo preparado com muito amor e fé. Nesse momento minha avó me disse baixinho que todos os anos o altar fica aberto para visitação dos devotos, mas que na sede da fazenda somente pousam o Espírito Santo e nossa família. Olhei para Laura e percebi sua admiração pela beleza da festa e devoção dos foliões. Emocionada, me disse que nem com toda sua imaginação seria capaz de pensar em algo tão bonito e comovente. Ela não era católica, mas o amor e a devoção ao Divino Espírito Santo contagiaram todos ali presentes.



Depois de mais de uma hora de orações e cantorias, a janta foi liberada. Fomos até o quintal para nos servir, as vizinhas e parentes de minha avó ajudaram a organizar uma fila. Após a janta, foram feitos os agradecimentos de mesa e deu-se início ao peditório de esmolas. Cada doador recebe um verso dos músicos. Nesses versos, são descritos os motivos ou pedidos que devem chegar, com os donativos, aos ouvidos do Divino Espírito Santo. Depois do peditório, é hora de dançar.

Laura, esperta que é, percebeu a diferença entre o tipo de música tocado antes daquele que estava sendo tocado durante o jantar; notou a diferença das cantorias, das brincadeiras, do canto da chegada, da dança do chá e da catira - ritmo e dança tradicionais tocados durante os giros das folias em Goiás. Gabriel já estava com sua viola nas mãos para se juntar aos violeiros naquele começo de noite. Ele aprendeu tocar viola caipira com um violeiro tradicional aqui da zona rural que acompanhou a Folia da Roça por mais de trinta anos. Acho que quando ele ficar um pouco mais velho será um ótimo violeiro puxador de folia.

Na Festa do Divino de Pirenópolis a catira é uma manifestação cultural associada às cavalhadas e às folias. É uma dança tradicional da cultura popular brasileira estruturada pela formação de duas fileiras e marcada pela batida de mãos (palmeado), e dos pés, (sapateado), no ritmo da moda de viola e do recortado. Nas Folias da Roça, a catira é realizada ao final do jantar e depois do peditório.



Ao som de outros instrumentos como violão, cavaquinho, sanfona, pandeiro e zabumba, os músicos entoaram versos de chegada, agradecimento e despedida, conduzindo rezas e cantorias diante do altar das bandeiras, na hora das refeições, durante o peditório e durante as alvoradas.

Dançamos e brincamos Gostaríamos de ter ficado na festa, os adultos ficaram se divertindo a noite toda. Antes de dormir, Gabriel comentou que fica deitado ouvindo e imaginando a festa e sonha com o dia que vai ser adulto para acompanhar as folias até o final.

O DIVINO VAI-SE EMBORA. NA BANDEIRA RETRATADO, ELE ESTÁ SE DESPEDINDO DE TODOS OS CONVIDADOS. DESPEDIDA, DESPEDIDA, DESPEDIDA, DESPEDIDA DE BELÉM. O DIVINO SE DESPEDE PRA VOLTAR ANO QUE VEM

Capítulo IV - *As Pastorinhas*

O auto das pastorinhas, ou As Pastorinhas, é uma encenação natalina de origem portuguesa bastante disseminada no Nordeste brasileiro e que foi levada pela primeira vez à Pirenópolis no ano de 1922. Apesar de se tratar de uma peça teatral que representa o nascimento de Jesus, foi incorporada à programação oficial da Festa do Divino de Pirenópolis, que ocorre entre os meses de maio ou junho. O espetáculo é dividido em três atos contendo 46 canções e doze árias, acompanhado por uma pequena orquestra. O elenco é formado por filhas de famílias tradicionais locais que interpretam o papel de 24 pastoras divididas entre os cordões vermelho e azul. Além das pastorinhas, o elenco feminino da peça é composto pelas seguintes personagens: Fé, Esperança, Caridade, Cigana, Anjo, Diana e Religião. Aos homens pertencem os papéis de Simão (o velho), Benjamin (o menino) e Luzbel (o capeta).



Passado uma semana da folia na Fazenda, na véspera do Domingo do Divino, chegou o dia da minha última apresentação na peça teatral As Pastorinhas .

Como vocês já sabem, tia Rosária e Laura vieram de São Paulo para assistirem minha estreia, porém não somente elas estiveram lá no teatro nesta noite, mas todos meus parentes da fazenda e da cidade de Pirenópolis. Preciso contar algo muito importante para vocês, vó Maria e minha mãe também atuaram nas Pastorinhas. Sim, esta é uma tradição que é encenada desde a década de 1920 em Pirenópolis durante os festejos da Festa do Divino. Todo ano os ingressos esgotam muito rapidamente, é preciso reservar com antecedência, então, minha família se preparou antes para garantir os ingressos para todo mundo.

Sempre fiquei muito emocionada ao olhar os antigos álbuns de fotografia da família e ver minha avó e minha mãe no palco do Theatro de Pyrenopolis representando as Pastorinhas em tempos diferentes. Ficava imaginando também se algum dia eu seria pastorinha e teria a minha fotografia desse momento tão especial. Aqui em Pirenópolis as crianças que participam das pastorinhas se preparam no mínimo durante três meses, pra gente é como ter uma festa de 15 anos. Fechei rapidamente o álbum e chamei Laura e Gabriel para irmos logo até o teatro, não poderia correr o risco de me atrasar.

Laura parecia cada vez mais fascinada com a riqueza de elementos e expressões culturais que fazem parte da Festa do Divino, um universo desconhecido a se abrir diante de seus olhos. Pedi, então, para ela fazer uma transmissão ao vivo da apresentação nas minhas redes sociais, seria uma forma de compartilhar este momento tão importante com as pessoas que não conseguiram ingresso e também com aquelas que não moram em Pirenópolis.

Sabe quando bate aquele frio na barriga? Pois é, assim que cheguei ao Theatro de Pyrenopolis fiquei imaginando aquele lugar mais uma vez cheio de gente, estava com muito medo de algo dar errado. Já estávamos todas posicionadas no palco, esperando somente que as cortinas se abrissem e finalmente elas se abriram.

Eu estava no palco atuando como uma das Pastorinhas do cordão vermelho, assim como minha avó e minha mãe no passado. Cantamos lindamente a anunciação do menino Jesus por quase duas horas, dando vida às personagens dos cordões azul e vermelho, aos símbolos da Fé, Esperança e Caridade, Cigana e Anjo, representados por meninas, e ao Simão (o velho), Benjamin (o menino) e Luzbel (o capeta), representados por meninos. A apresentação foi um grande sucesso, todo mundo cantou e atuou deslumbrantemente. As personagens da peça já são velhas conhecidas do povo de Pirenópolis por muitas décadas, o que só tornou a emoção entre o público e os atores ainda maior. Assim que as cortinas se fecharam tomei um pouco de água, abracei minhas amigas que também estavam participando da apresentação e fomos envolvidas por um sentimento de empolgação. O público não parava de aplaudir, a apresentação daquele ano foi um grande sucesso.











Desci do palco e fui para os braços da minha família, todos estavam muito emocionados, principalmente vó Maria e minha mãe; as duas estavam com os olhos cheios de lágrimas. Já Laura e Gabriel, além de impressionados com o esplendor do espetáculo, falaram também que a transmissão ao vivo deu super certo, várias pessoas comentaram sobre a beleza do espetáculo e da minha voz.

Voltei para casa radiante com a emoção da apresentação. No caminho, percebemos que a cidade toda já estava em festa. O sábado do Divino é considerado um dos momentos mais bonitos, contendo eventos que preparam a chegada do Domingo do Divino (ou domingo de Pentecostes).

Colocamos algumas cadeiras na calçada de casa e ficamos ali vendo o movimento da festa até perto da meia noite, mas não demoramos muito e fomos dormir, precisávamos descansar para o grande dia: o Domingo do Divino.

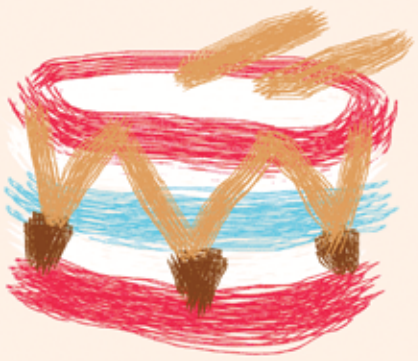
Capítulo V- O *Domingo do Divino*

Naquela noite dormi no quarto da minha mãe. Laura e a tia Rosária estavam dormindo no meu quarto. Nem fazia muito tempo que havia pegado no sono, fiquei até tarde da madrugada vendo a repercussão da minha atuação nas Pastorinhas e, apesar de estar cansada, toda essa empolgação com a Festa do Divino não me deixava dormir. Despertei com o barulho dos fogos e quando olhei no relógio vi que já se passava das quatro horas da manhã, foi quando entendi que a Alvorada havia começado.

Ao amanhecer do Domingo do Divino (Pentecostes), a Alvorada marca o início das celebrações, iniciadas às 4 horas da manhã e estendidas ao longo do dia com cortejos, missas, sorteio e posse do imperador, abertura das cavalhadas, procissão do Divino e distribuição de verônicas e pãezinhos.



A Banda de Couro é formada por instrumentos de percussão, tambores, zabumbas e rufadeiras, e um único instrumento de sopro, o saxofone. A banda remonta às festas religiosas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito e à herança dos negros na cidade. Nos festejos do Divino, a Banda de Couro participa de alvoradas, das noites de novena, da abertura das cavalhadas e das tocatas no Largo da Matriz. Nos cortejos do Reinado e do Juizado, participa da cerimônia do levantamento do mastro e queima das fogueiras em homenagem a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.





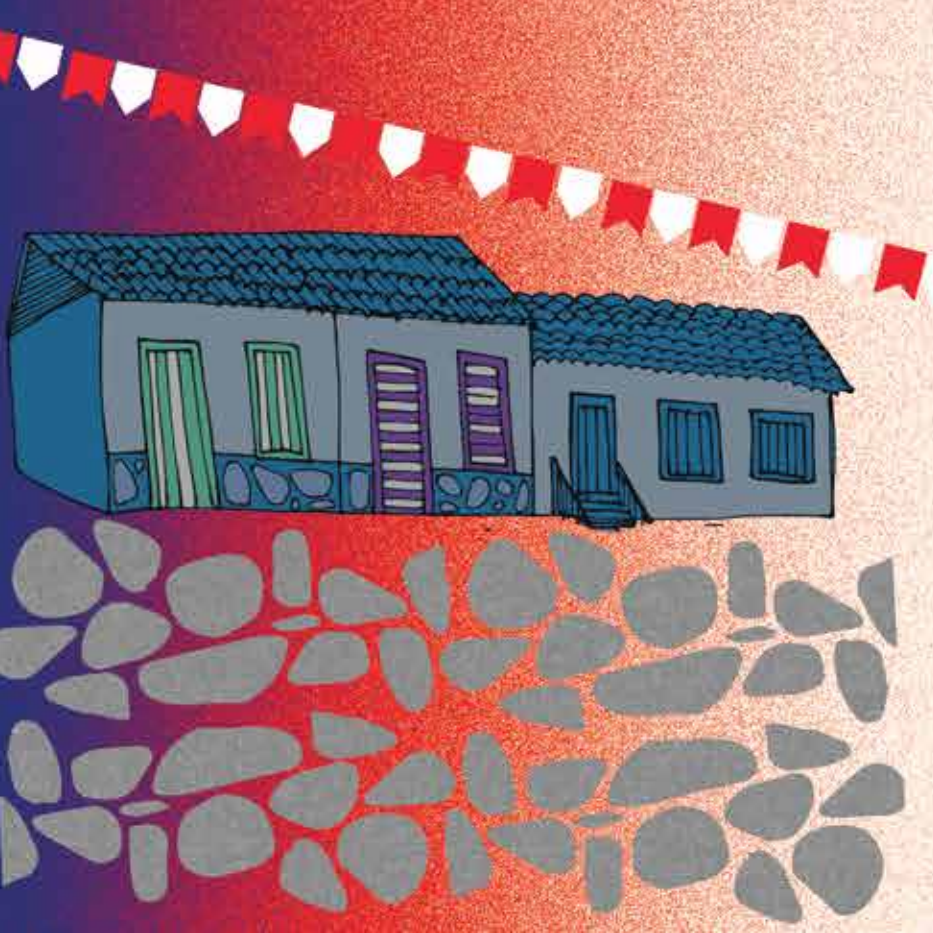
Fiquei na dúvida se a Laura e o Gabriel estavam acordados, levantei e fui me vestir rapidamente. Minha mãe acordou um pouco antes e tinha até passado um café. Para minha surpresa, não somente Laura e Gabriel já estavam acordados, mas toda minha família estava ali na cozinha se preparando para acompanhar a alvorada que saiu pela cidade anunciando a chegada do Domingo do Divino. Lá longe dava pra ouvir os últimos tambores da Banda de Couro e o saxofone já soprando baixinho versos que são cantados mentalmente por aqueles que conhecem a letra. Percebemos que do outro lado do quarteirão a Banda Phoenix se aproximava, a música ficou cada vez mais alta e então nos apressamos.

Vamo vamo comê doce

Eu sempre gostei muito de participar das alvoradas do Domingo do Divino. Todos os anos fico na expectativa de acompanhar a Banda de Couro e a Banda Phoenix pelas ruas da cidade ao alvorecer. Assistir ao nascer do sol com meus amigos e minha família é algo bastante comovente e que fica gravado para sempre nas nossas memórias. Uns dias antes tinha até comentado com meus primos, Laura e Gabriel, que os foguetórios, as músicas, os hinos, o repicar dos sinos, os cheiros, os lugares e as brincadeiras fazem parte da memória de muitas pessoas que vivenciam a Festa do Divino. É como se nossas lembranças e experiências nos unisse de uma forma bastante especial.

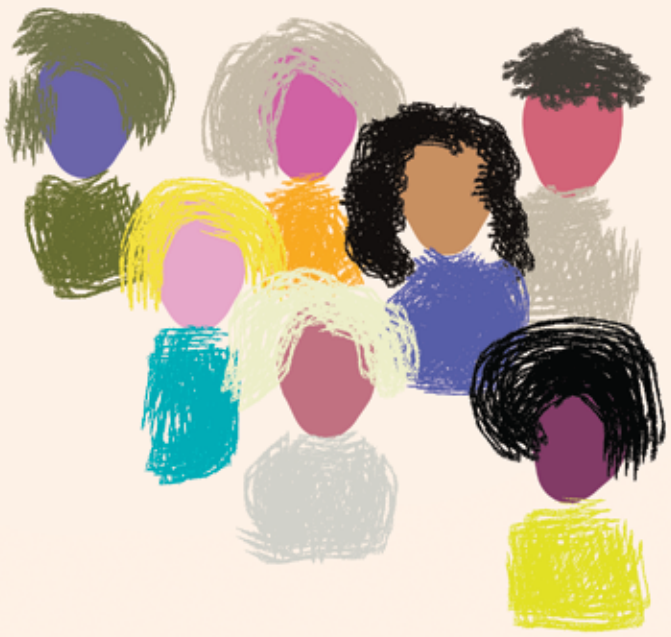
Caminhamos juntos pelo centro histórico e suas principais ruas, passamos por igrejas, casarios e museus, atravessamos a ponte sobre o Rio das Almas e a cada passo mais festeiros se juntaram a nós. Ainda era bem cedinho quando os músicos e a multidão que nos acompanhava se dispersaram.

Após a alvorada, era hora de seguir para a casa do Imperador, Seu Manuel. O céu já estava claro, ensolarado e com poucas nuvens, seria um lindo dia e não poderíamos nos atrasar para o Cortejo do Imperador. Estávamos bastante animados para ver as bandeiras, as virgens, os anjinhos, os grupos de contradança, congo, congada, as irmandades, antigos imperadores e as bandas. E também, claro, para a missa do Divino das 9 horas.

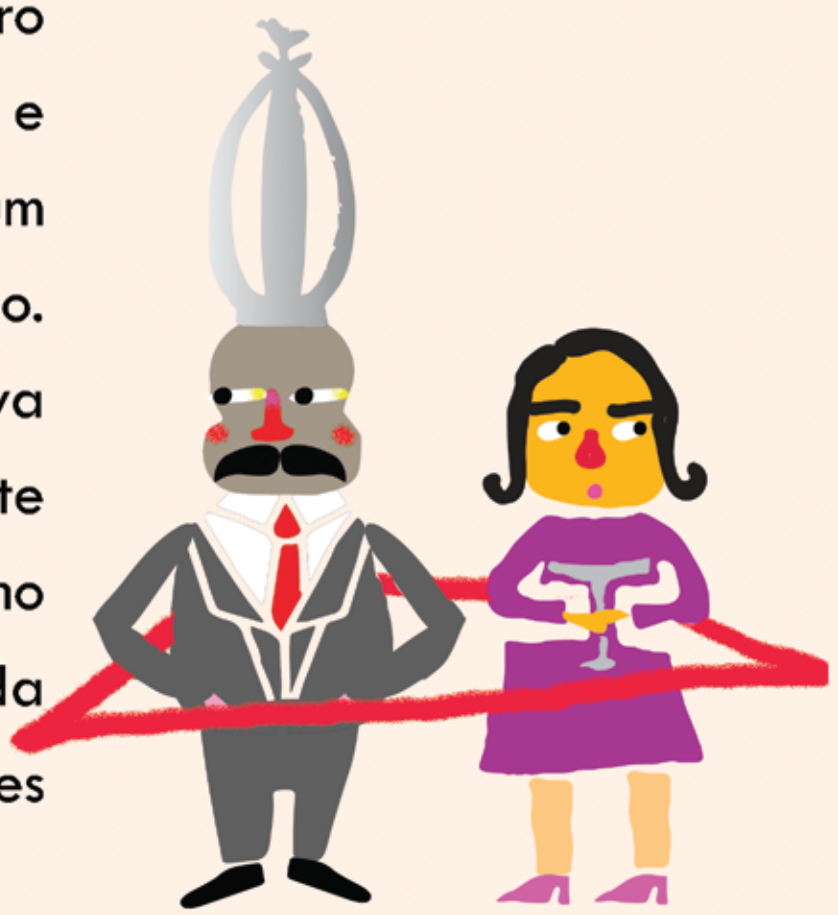


O Cortejo do Imperador conduz o Imperador da sua casa até a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. Seu trajeto é definido a cada ano em função da residência do imperador e decorado na madrugada de sábado para domingo com bandeirolas brancas e vermelhas. À frente, no quadrante vermelho e em lugar de honra, segue o imperador e sua família, onde também transitam as porta-bandeiras que abrem o cortejo, o andor, as crianças da contradança e do congo, além das virgens e dos anjinhos, acompanhados e animados pela Banda Phoenix e populares. Na Igreja Matriz é celebrada a missa do Divino e o sorteio do novo Imperador.

Chegamos na casa de Seu Manuel e após alguns minutos notamos uma intensa movimentação de pessoas que transitavam de dentro para fora da casa. Era o início do cortejo do imperador. Abrindo o cortejo estavam as porta-bandeiras exibindo esplêndidas bandeiras do Divino, além das meninas vestidas de branco e os anjinhos. Em seguida, um suntuoso andor carregava uma grande coroa enfeitada com flores. Seu Manuel e sua família seguiram logo atrás dentro de um quadrado vermelho em posição de honra e destaque. Ele estava elegantemente vestido com um terno cinza e ornado com a reluzente coroa do Divino. Sua esposa, também bastante elegante, carregava em uma das mãos a bandeja utilizada como suporte para a exposição da coroa durante todo o ano no altar de sua casa. Fechando o cortejo veio a Banda Phoenix executando o Hino do Divino e solenes dobrados conhecidos por todos nós da cidade.



Muitos moradores de Pirenópolis, amigos, vizinhos, familiares, minhas professoras, além de turistas e pesquisadores vindos de longe, acompanharam o cortejo até a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário para a missa cantada em latim e o sorteio do novo Imperador. Não tive dúvidas: - Para mim, o cortejo do imperador é o mais importante de todos os que acontecem durante a Festa do Divino de Pirenópolis!



Vinde, Ó Espírito Divino / Consolador, descei lá do céu
/ A dar-nos riquezas de Vosso amor



Chegamos na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, A missa foi muito bonita, o amor e o respeito ao Divino são sentimentos que fortalecem e renovam a minha fé ano após ano. O altar estava cuidadosamente enfeitado com flores vermelhas e brancas, os padres, o bispo e toda a equipe litúrgica também estavam vestidos de vermelho e branco.

Antes da bênção final ocorreu o tão esperado momento do sorteio do novo Imperador. Inclusive Laura que não mora na cidade aguardava ansiosa para saber quem seria contemplado para a organização da festa no ano seguinte. Até que "por vontade do divino" – como diz a minha avó, foi anunciado o nome de Antônio Carlos dos Santos, além dos mordomos da fogueira, do mastro, da bandeira e das velas. Seu Antônio e sua esposa, Dona Célia, estavam lá na missa e foram até o altar ao som das palmas receberem as felicitações do padre e do atual imperador. O padre estendeu a coroa e os dois imperadores a beijaram.

A missa terminou e um novo cortejo, agora chamado Procissão do Divino, foi organizado em frente à Igreja Matriz. Com a mesma formação da manhã, a Procissão do Divino conduziu seu Manuel de volta à sua casa. Gabriel e eu falamos para Laura que haveria uma surpresa deliciosa ao final do cortejo e ela ficou bastante curiosa. Chegando à casa do Seu Manuel começaram a distribuir deliciosas verônicas e pãezinhos do Divino. Laura não conhecia nenhum dos dois, adorou e vi que ela saboreou bastante.

As Cavalhadas, encenação de batalhas medievais entre mouros e cristãos, são apresentadas durante três tardes a partir do Domingo do Divino, ou Domingo de Pentecostes. A abertura é um grande evento acompanhado pela Banda Phoenix que executa o Hino do Divino com a participação de grupos de mascarados, contradança, congo, congada, catira e a Banda de Couro. Ao final do terceiro dia, na terça-feira, os cavaleiros seguem acompanhados pelos mascarados até o largo da Igreja do Bonfim, onde rezam, agradecem por mais um ano de cavalhadas e descarregam as armas encerrando o Império do Divino.

Voltamos para minha casa para almoçarmos e descansar um pouco, pois a festa ainda não tinha acabado e naquela tarde, às 13 horas, começaria as Cavalhadas.

Chegamos em casa e várias pessoas da minha família que moram na zona rural e em cidades vizinhas já estavam almoçando. Uma grande festa familiar acontece todos os anos nesse almoço, mas naquele ano o encontro também foi marcado por outro acontecimento, a despedida da Laura e da tia Rosária que viajaram no final do dia para São Paulo. Eu já estava sentindo muita saudade só de lembrar que elas estavam partindo.





Almoçamos rapidamente e mais uma vez o nosso trio, formado por Laura, Gabriel e eu, saiu pelas ruas de Pirenópolis; dessa vez em direção ao Cavalhódromo, espaço onde acontece a encenação das Cavalhadas. Nos apressamos para não perder o primeiro dos três dias de espetáculos.

Expliquei para Laura que as Cavalhadas remontam antigas batalhas travadas por "Carlos Magno e os Doze Pares de França" contra os sarracenos pela libertação da península Ibérica. Espantada, Laura questionou: - Mas por que eles queriam libertar a península Ibérica? Disse, então, que essa era uma história lendária de tempos antigos que narra a conversão dos mouros ao cristianismo durante o processo histórico de retomada do território da península, mas que se tornou tradição na cidade visto que ritualiza a fé religiosa e os valores cristãos.

Fiz um breve resumo do espetáculo para Laura, contando que no primeiro dia ocorrem as "embaixadas" onde cristãos e mouros trocam injúrias e partem para as batalhas portando lanças, pistolas e espadas. Já no segundo dia, segunda-feira, o espetáculo representa a conversão e o batismo dos mouros, considerado por muitos cavaleiros o momento mais importante das cavalhadas. No último e terceiro dia ocorrem as demonstrações de amizade, a troca de flores e os jogos.

Tivemos a sorte de encontrar um lugar na arquibancada para assistir à apresentação. Laura comentou que os cavaleiros pareciam levar bastante a sério a encenação, pois os gestos, a atuação, as roupas, tudo estava sendo apresentado com muito capricho.

Personagens marcantes da Festa do Divino de Pirenópolis, os mascarados fazem sua primeira grande aparição no sábado do Divino apresentando-se no largo da Matriz. Circulando pelas ruas a pé ou a cavalo com máscaras de onças, bois com grandes chifres, capetas, caveiras, monstros e outros personagens, estão presentes em muitos momentos da Festa do Divino e no Campo das Cavalhadas. Suas máscaras são tradicionalmente feitas de papel, no formato de boi, onça, "gente" ou "homem", unicórnio e capeta; ou de pano, pintadas de caveira com recortes nos olhos e boca. Os mascarados também chamam atenção pelas suas vestimentas, geralmente coloridas, brilhantes e repletas de adornos. Os cavalos, quando utilizados, recebem enfeites como flores, máscaras e tornozeleiras. Como regra, tanto o mascarado quanto o seu cavalo não devem ser reconhecidos.



Composição de Tião Carreiro, Piraci e Lourival, a canção "Rio de Piracicaba" ou "Rio de Lágrimas" foi incorporada ao repertório musical da Banda Phoenix e marca a entrada dos mascarados nas Cavalhadas, sendo considerada o hino oficial dos mascarados em Pirenópolis.

Logo na abertura do espetáculo, antes mesmo da entrada dos cavaleiros mouros e cristãos, um bando de mascarados percorreu a arena fazendo a maior algazarra, exibindo suas máscaras e indumentárias bem coloridas e cheias de enfeites. Nesse momento a Banda Phoenix executou o Hino dos Mascarados, uma conhecida canção popular que ao longo dos anos foi incorporada em suas performances.

O rio de Piracicaba...





No primeiro intervalo da apresentação tivemos que voltar para casa, a hora da despedida estava se aproximando. Chegando em casa falei para Laura e para a tia Rosária que a Festa do Divino não tinha acabado ainda, na verdade ela não tem fim.

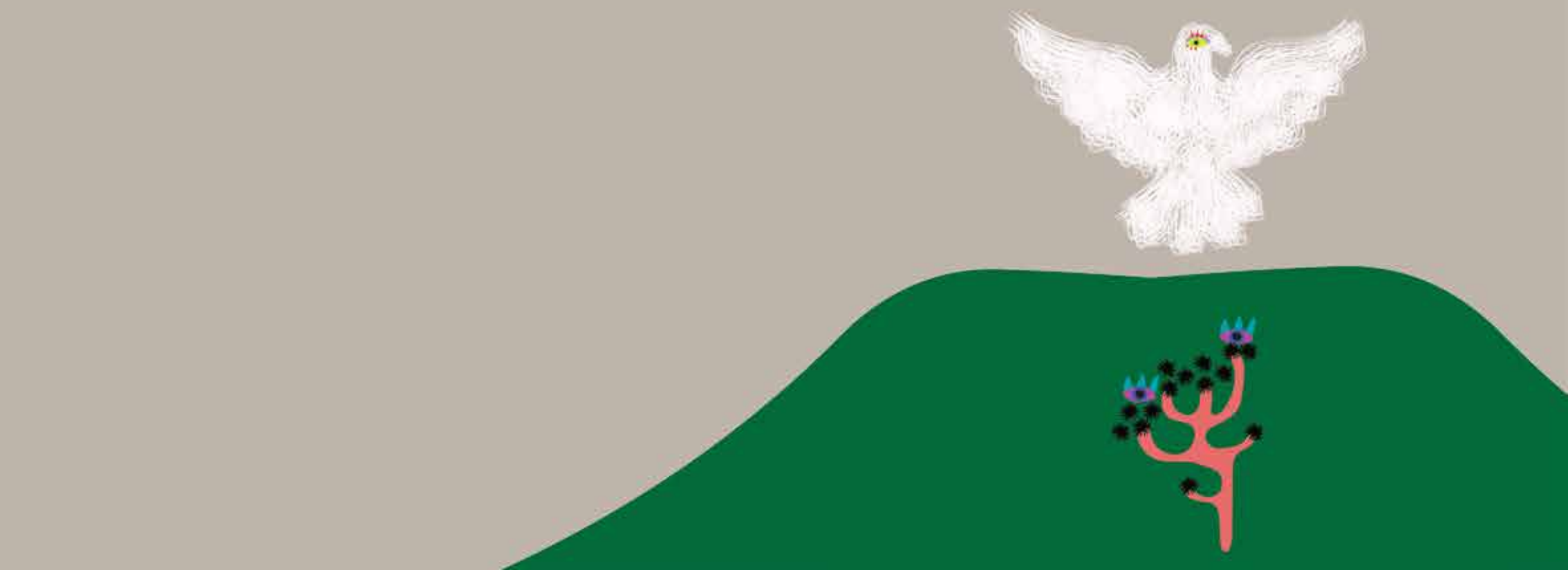
Elas não ficaram na cidade para ver a procissão de Corpus Christi, que é quando são realizadas as últimas cerimônias do império, a entrega definitiva da coroa e a posse do novo Imperador, mas contei que esse momento marca, ao mesmo tempo, o fim e o início da festa, já que após a coroação o novo imperador inicia os preparativos para a festa do ano seguinte envolvendo toda a comunidade. Ela achou curioso esse fato e entendeu que a festa é cíclica, no momento em que acaba, torna a acontecer.

Ajudamos tia Rosária e Laura a colocar as malas no carro, era hora de partida. Minha avó providenciou um bolo e alguns quitutes para viagem. Gabriel e eu abraçamos muito a Laura e ela nos prometeu que voltaria no próximo ano, mas pediu que fotografássemos tudo o que ainda estava para acontecer, pois ainda havia muito para conhecer sobre a Festa do Divino, seus festejos, cerimônias, personagens, objetos rituais, modos de fazer, saber e viver das pessoas de Pirenópolis. Neste momento, falei baixinho no ouvido da Laura: – A festa nunca acaba, a festa não tem fim!

Essa festa não se acaba, essa festa não tem fim/ Mas se essa festa se acabar/ Ai meu Deus! Ai meu Deus! / Ai meu Deus, que será de mim?



Caderno de Atividades



1.

Conversa com os ancestrais:

Após a finalização da leitura do livro, tendo como inspiração as andanças de Mari, Laura e Gabriel pela cidade de Pirenópolis durante a Festa do Divino, convide um morador da cidade (pode ser seus avós, seus pais, ou alguém mais velho) e faça as seguintes perguntas:

- Como era a Festa do Divino no passado?

- Quais as principais mudanças?



2.

Fichas de Identificação de Referências Patrimoniais:

Tomando como base a história narrada no livro "A Festa Nunca Acaba", Identifique abaixo nas figuras qual momento da Festa cada uma representa.



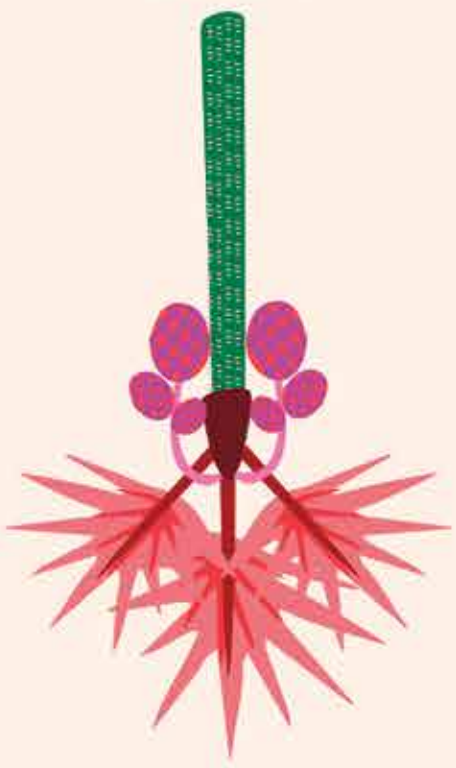
a.



b.



c.



REFERÊNCIAS

BEROCAN, Felipe Veiga. "Essa festa não se acaba, essa festa não tem fim": Pirenópolis e a alegria da fé no Divino Espírito Santo. In: Textos do Brasil, v. 15. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2009. p. 88-99. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/13347. Acesso em 08 nov. 2022.

BEROCAN, Felipe Veiga. A folia continua: vida, morte e revelação na Festa do Divino de Pirenópolis, Goiás. In: CARVALHO, Luciana (Org.). Divino Toque do Maranhão. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2005, p.83-94. (Série Encontros e Estudos, 9). Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/5d38e623b83acd0001723688/t/5ef7d19db7918e0088f2bd32/1593299358114/6+a_folia_continua.pdf. Acesso em 17 nov. 2022.

BONDUKI, Nabil. Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos. - Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010. 376 p. (Arquitetura; 3). Disponível em:http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColArq3_Intervencoes_Urbanas_na_Recuperacao_de_Centros_Historicos_m.pdf. Acesso em 09 nov. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cavalhadas de Pirenópolis – um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974. 208p.

CÂMARA MUNICIPAL DE PIRENÓPOLIS. A Cidade. História de Pirenópolis. Disponível em: https://www.pirenopolis.go.leg.br/Institucional/funcao-e-definicao. Acesso em 04 nov. 2022.

CAVALVANTE, Silvio; CAVALCANTE, Neusa. Barro, Madeira e Pedra: patrimônios de Pirenópolis. Brasília, DF: IPHAN, 2019. 348 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/barro_madeira_pedra_patrimonios_de_pirenopolis.pdf. Acesso em 09 nov. 2022.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. Tesauro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Disponível em: http://wwwcnfcp.gov.br/tesauro/00000735.htm. Acesso em 04 nov. 2022.

CLÍMACO, Luiz Fernando Araújo. Música e diversidade em Festas e Folias do Divino de Goiás: Crixás, Pirenópolis e Colinas do Sul. 2017. 260 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9697. Acesso em 08 nov. 2022.

REFERÊNCIAS

GERALDES, Amanda Alexandre Ferreira. A memória dos objetos: verônicas, máscaras e flores da Festa do Divino de Pirenópolis/Goiás. 2015. 215 f. Dissertação (Mestrado em História Social) Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12864. Acesso em 16 nov. 2022.

GERALDES, Amanda Alexandre Ferreira. Açúcar e Devoção: saberes e fazeres das verônicas de alfenim da Festa do Divino de Pirenópolis. Revista Latino Americana de História, UNISINOS, v. 08, n. 22, p. 12 – 33, 2019. DOI https://doi.org/10.4013/rlah.v8i22.1042. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/1042. Acesso em 16 nov. 2022.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios / José Reginaldo Santos Gonçalves. - Rio de Janeiro, 2007. 256p. (Museu, memória e cidadania). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4697385/mod_resource/content/1/GON%C3%87ALVES.%20antropologia_dos_objetos_V41.pdf. Acesso em 02 dez. 2022.

IPHAN. Pirenópolis (GO). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/364/

IPHAN. Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás / Coordenação, Yêda Barbosa. – Brasília, DF: Iphan, 2017. 157 p. – (Dossiê Iphan; 17) Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie17_pirenopolis.pdf. Acesso em 17 nov. 2022.

MARRA, Juliana Ribeiro. Catira: performance e tradição na dança caipira. 2016. 157 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7293. Acesso em 17 nov. 2022

O portal do turismo de Pirenópolis. O Teatro de Pirenópolis. Disponível em: https://pirenopolis.tur.br/turismo/atrativos/centro-historico/teatro. Acesso em 04 nov. 2022

SOARES, Elizabeth Nelo (org.). Largos, coretos e praças de Belém – PA. Brasília: IPHAN/ Programa Monumenta, 2009. 172 p. (Roteiros do Patrimônio; 5). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/largos_coretos_e_pracas_de_belem.pdf. Acesso em 09 nov. 2022.

Este livro foi desenvolvido para o formato EBook, a ser disponibilizado ao público em geral especialmente o público infantojuvenil. Apresenta uma linguagem lúdica para inserir o leitor no universo diversificado da Festa do Divino da cidade de Pirenópolis, Goiás.

Fonte: Tw Cen MT

Edições IPHAN